

TEXTO

Gerente – Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?

Cliente – Estou interessado em financiamento para compra de veículo.

Gerente – Nós dispomos de várias modalidades de crédito. O senhor é nosso cliente?

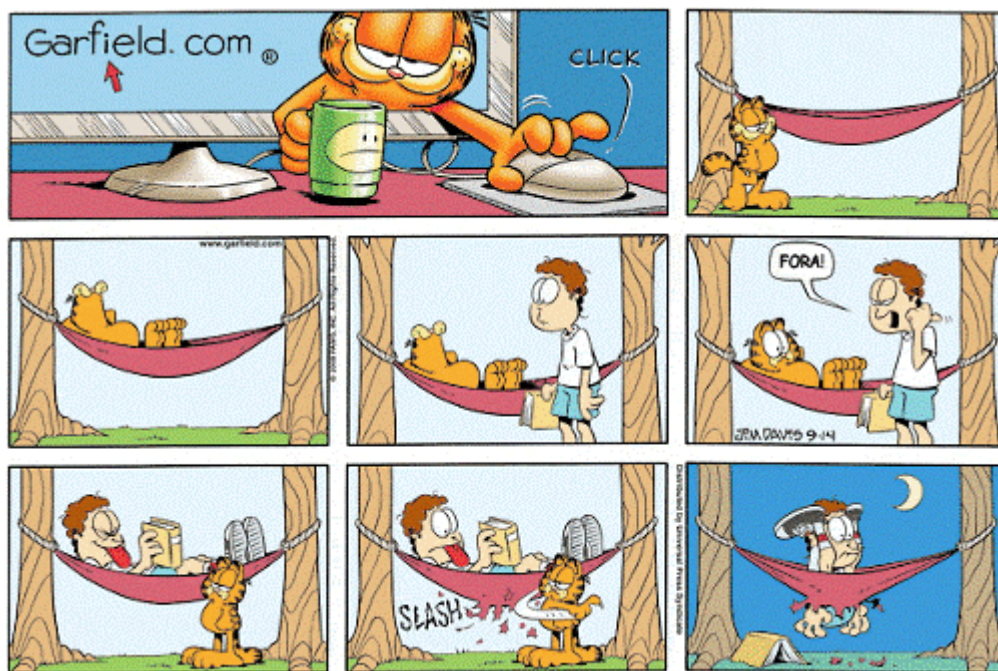
Cliente – Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário do banco.

Gerente – Julinho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê tá em Brasília? Pensei que você ainda tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversar com calma.

BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna. São Paulo: Parábola, 2004 (adaptado).

1. Na representação escrita da conversa telefônica entre a gerente do banco e o cliente, observa-se que a maneira de falar da gerente foi alterada de repente devido:

- à adequação de sua fala à conversa com um amigo, caracterizada pela informalidade.
- à iniciativa do cliente em se apresentar como funcionário do banco.
- ao fato de ambos terem nascido em Uberlândia (Minas Gerais).
- à intimidade forçada pelo cliente ao fornecer seu nome completo.



2. Sobre a tirinha de Garfield, é correto afirmar que:

- A linguagem verbal é o elemento principal para o entendimento da tirinha.
- O uso da linguagem verbal não faz diferença para a compreensão da tirinha.
- O uso simultâneo das linguagens verbal e não verbal colabora para o entendimento da tirinha.
- A sequência cronológica dos fatos relatados nas imagens não influencia na compreensão da tirinha.

“AS PESSOAS AINDA NÃO FORAM TERMINADAS...”

Rubens Alves

As diferenças entre um sábio e um cientista? São muitas e não posso dizer todas. Só algumas.

O sábio conhece com a boca, o cientista, com a cabeça. Aquilo que o sábio conhece tem sabor, é comida, conhecimento corporal. O corpo gosta. A palavra “sapio”, em latim, quer dizer “eu degusto”... O sábio é um cozinheiro que faz pratos saborosos com o que a vida oferece. O saber do sábio dá alegria, razões para viver. Já o que o cientista oferece não tem gosto, não mexe com o corpo, não dá razões para viver. O cientista retruca: “Não tem gosto, mas tem poder”... É verdade. O sábio ensina coisas do amor. O cientista, do poder.

Para o cientista, o silêncio é o espaço da ignorância. Nele não mora saber algum; é um vazio que nada diz. Para o sábio o silêncio é o tempo da escuta, quando se ouve uma melodia que faz chorar, como disse

Fernando Pessoa num dos seus poemas. Roland Barthes, já velho, confessou que abandonara os saberes faláveis e se dedicava, no seu momento crepuscular, aos sabores inefáveis.

Outra diferença é que para ser cientista há de se estudar muito, enquanto para ser sábio não é preciso estudar. Um dos aforismos do Tao-Te-Ching diz o seguinte: “Na busca dos saberes, cada dia alguma coisa é acrescentada. Na busca da sabedoria, cada dia alguma coisa é abandonada”. O cientista soma. O sábio subtrai.

Riobaldo, ao que me consta, não tinha diploma. E, não obstante, era sábio. Vejam só o que ele disse: “O senhor mire e veja: o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando...”

É só por causa dessa sabedoria que há educadores. A educação acontece enquanto as pessoas vão mudando, para que não deixem de mudar. Se as pessoas estivessem prontas não haveria lugar para a educação. O educador ajuda os outros a irem mudando no tempo. (...) Parece que, ao nos criar, o Criador cometeu um erro (ou nos pregou uma peça!): deu-nos um DNA incompleto. E porque nosso DNA é incompleto somos condenados a pensar. Pensar para quê? Para inventar a vida! É por isso, porque nosso DNA é incompleto, que inventamos poesia, culinária, música, ciência, arquitetura, jardins, religiões, esses mundos a que se dá o nome de cultura.

Pra isso existem os educadores: para cumprir o dito do Riobaldo... Uma escola é um caldeirão de bruxas que o educador vai mexendo para “desigualizar” as pessoas e fazer outros mundos nascerem...

Revista Educação, edição 125

3. Ao estabelecer as diferenças entre sábio e cientista, o autor:

- a) critica neste o fato de ter como objetivo apenas o poder.
- b) aponta naquelas vantagens prazerosas de natureza existencial e afetiva.
- c) afirma que só aquele é que sabe extrair da vida os aspectos saborosos.
- d) observa criteriosamente que este não possui razões para viver.

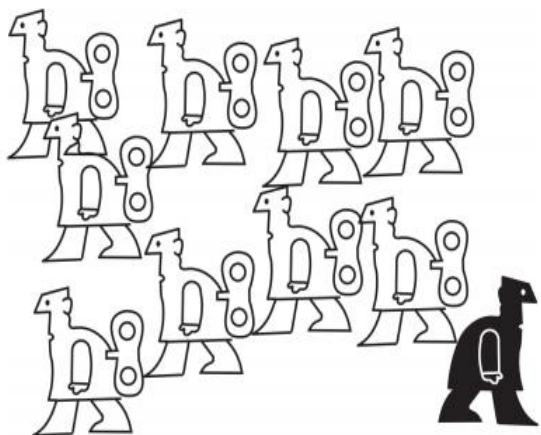
4. Ao citar Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa, em Grande Sertão: Veredas, o autor quis:

- a) desqualificar as pessoas que, embora sábias, não possuem ao menos o principal símbolo de cultura, que é o diploma.
- b) estabelecer uma relação direta entre conhecimento, comprovado pelo diploma, e sabedoria.
- c) exemplificar a ausência de ligação entre cultura formal e sabedoria existencial.
- d) criticar aqueles que fazem resistência ao estudo, mesmo que sábios.

5. No último parágrafo, a frase: “Pra isso existem os educadores: para cumprir o dito do Riobaldo” só não está relacionada com:

- a) “A educação acontece enquanto as pessoas vão mudando, para que não deixem de mudar.”
- b) “ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando...”
- c) “Se as pessoas estivessem prontas não haveria lugar para a educação.”
- d) “Parece que, ao nos criar, o Criador cometeu um erro”

Observe a imagem e responda à questão 6.



6. O cartum faz uma crítica social. A figura destacada está em oposição às outras e representa a

- a) opressão das minorias sociais.
- b) carência de recursos tecnológicos.
- c) falta de liberdade de expressão.
- d) reação ao controle do pensamento coletivo.

TEXTO

No Brasil, a condição cidadã, embora dependa da leitura e da escrita, não se basta pela enunciação do direito, nem pelo domínio desses instrumentos, o que, sem dúvida, viabiliza melhor participação social. A condição cidadã depende, seguramente, da ruptura com o ciclo da pobreza, que penaliza um largo contingente populacional.

Formação de leitores e construção da cidadania, memória e presença do PROLE. Rio de Janeiro: FBN, 2008.

7. (Enem/adaptado) Ao argumentar que a aquisição das habilidades de leitura e escrita não são suficientes para garantir o exercício da cidadania, o autor

- a) critica os processos de aquisição da leitura e da escrita.
- b) fala sobre o domínio da leitura e da escrita no Brasil.
- c) incentiva a participação efetiva na vida da comunidade.
- d) faz uma avaliação crítica a respeito da condição cidadã do brasileiro.

TEXTO

Escritora faz cartas virtuais para amigos e desconhecidos

Começou com um hobby para ajudar os amigos, hoje, Elisa Motta já publicou mais de 90 cartas abertas em sua plataforma digital

“Escrevo desde criança. Meu avô, Hildebrando Afonso de André, era professor de português e me inspirou a começar. Textos, cartinhas para amigos, familiares... A escrita, para mim, sempre foi a forma mais verdadeira de se expressar”, explica Elisa de André Motta, paulista de 32 anos que escreve cartas como hobby. Formada em Publicidade e Propaganda e Administração de Empresas, Elisa trabalhava com as palavras, mas sempre no intuito de vender alguma coisa. “Queria algo mais verdadeiro e menos marqueteiro, aquilo não era bem o que eu queria fazer”, conta ela.

Empreendedora, Elisa decidiu lançar o próprio projeto digital na plataforma medium, onde lançou seus primeiros textos que, segundo a autora, eram uma grande vazão dos seus sentimentos. Um dia, uma grande amiga veio até Elisa e disse que não estava bem. “Foi quando eu fiz uma carta para ela, e ela me respondeu que era exatamente aquilo que ela precisava ouvir. Percebi que queria escrever para os outros, e não só para mim”, conta. Elisa postou a carta no Facebook e perguntou se alguém mais gostaria de receber. Na hora, 30 pessoas comentaram pedindo para receber cartas também. “Fui escrevendo, postando e marcando os endereçados, que iam compartilhando a carta que recebia. Quando vi, tinha gente que eu nunca tinha visto antes pedindo para receber uma carta minha”, rememora.

Pedidos por inbox também pipocaram: alguns tinham vergonha de pedir a carta publicamente. “Percebi como algumas tinham medo do que pudesse vir escrito na carta, ao mesmo tempo em que queriam recebê-la. Esse é um hábito que não morreu, apenas se modificou um pouco com a tecnologia”, comenta ela. Elisa sentiu-se desafiada ao escrever para desconhecidos, mas descobriu que não havia dificuldade: a autora conta um pouco de si, do momento que está passando, abre sua vulnerabilidade e não economiza na poesia. “Quero que o destinatário se lembre do quanto é importante e de como ele tem valor. A carta é um afago”, completa. A autora já escreveu mais de 90 cartas abertas em sua plataforma.

Disponível em: <<http://vidasimples.uol.com.br/>>.

8. O assunto do texto é:

- a) a publicação de cartas virtuais por Elisa Motta.
- b) a escrita de cartas na era tecnológica.
- c) os sentimentos despertados pela leitura de uma carta.
- d) a relação de Elisa Motta com a escrita.

LEIA A HISTÓRIA EM QUADRINHOS PARA RESPONDER À QUESTÃO 9.



9. Assinale o trecho do diálogo que apresenta um registro informal, ou coloquial, da linguagem.

- a) "Tá legal, espertinho! Onde é que você esteve?!"
- b) "E lembre-se: se você disser uma mentira, os seus chifres cairão!"
- c) "Estou atrasado porque ajudei uma velhinha a atravessar a rua..."
- d) "...e ela me deu um anel mágico que me levou a um tesouro"

TEXTO

SONETO DE FIDELIDADE

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

VINICIUS DE MORAES

10. (UERJ) A palavra fidelidade não aparece nos versos do poema. Entretanto, o poeta defende determinada fidelidade, que está associada ao seguinte sentimento referido no texto:

- a) amor
- b) solidão
- c) encanto
- d) angústia

11. No último verso do poema, a proposição mas que seja infinito enquanto dure constitui um paradoxo que enfatiza o seguinte aspecto:

- a) enaltecimento da vida
- b) reconhecimento da ilusão
- c) aceitação do desencontro
- d) intensificação do sentimento

12. É possível afirmar que a essência da *arte literária* encontra-se nas:

- a) letras
- b) rimas
- c) livros
- d) palavras



Máscara senufo, Mati. Madeira e fibra vegetal. Acervo do MAE/USP.

13. As formas plásticas nas produções africanas conduziram artistas modernos do início do século XX, como Pablo Picasso, a algumas proposições artísticas denominadas vanguardas. A máscara remete à

- a) preservação da proporção.
- b) idealização do movimento.
- c) estruturação assimétrica.
- d) sintetização das formas.

14 . Responda V para verdadeiro e F para falso:

- () A linguagem verbal é aquela que se utiliza da palavra na transmissão da mensagem.
- () As histórias em quadrinhos, geralmente, apresentam linguagem verbal e não verbal.
- () As placas de trânsito se utilizam de linguagem verbal.
- () Linguagem verbal é aquela que transmite mensagens através de palavras e gestos.
- () Os gestos, os símbolos, os desenhos, as placas são exemplos de linguagem não verbal

15. Nos versos abaixo uma figura se ergue garças ao conflito de duas visões antagônicas:

“Saio do hotel com quatro olhos,
Dois do presente,
Dois do passado.”

Essa figura de linguagem recebe o nome de:

- (A) Metonímia
- (B) Catacrese
- (C) Hipérbole
- (D) Antítese

AS QUESTÕES 16 A 20 DEVEM SER RESPONDIDAS NO CADERNO.

[...] O Brasil tem dessas coisas, é um país maravilhoso, com o português como língua oficial, mas cheio de dialetos diferentes.

No Rio de Janeiro é “e aí merrmão! CB, sangue bom!” Até eu entender que merrmão era “meu irmão” levou um tempo. Para conseguir se comunicar, além de arrancar a garganta com o erre, você precisa aprender a chiar que nem chaleira velha: “vai rolá umasch paradasch ischperrtasch”.

Na cidade de São Paulo eles boam um “i” a mais na frente do “n”: “ôrra meu! Tô por deintro, mas não tô inteindeindo o que eu tô veindo”. E no interiorrrr falam um erre todo enrolado: “a Ferrrnanda marrrrcô a porrrteira”. Dá um nona língua. A vantagem é que a pronúncia deles no inglês é ótima.

Em Mins, quer dizer, em Minas, eles engolem letras e falam Belzonte, Nossenhora, Doidemais da conta, sô! Qualquer objeto é chamado de trem. Lembrei daquela história do mineirinho na plataforma da estação. Quando ouviu um apito, falou apontando as malas: “Muié, pega os trem que o bicho tá vindo”.

No Nordeste é tudo meu rei, bichinho, ó xente. Pai é painho, mãe é mainha, vó é voinha. E pra você conseguir falar com o acento típico da região, é só cantar a primeira sílaba de qualquer palavra numa nota mais aguda que as seguintes. As frases são sempre em escala descendente, ao contrário do sotaque gaúcho.

Mas o lugar mais interessante de todos é Florianópolis, um paraíso sobre a terra, abençoado por Nossa Senhora de Desterro. Os nativos tradicionais, conhecidos como Manezinhos da Ilha, têm o linguajar mais simpático da nossa língua brasileira. Chamam lagartixa de crocodilinho de parede. Helicóptero é avião de rosca (que deve ser lido rôschca). Carne moída é boi ralado. Telefone público, o popular orelhão, é conhecido como poste de prosa e a ficha de telefone é pastilha de prosa. Ovo eles chamam de semente de galinha e motel é lugar de instantinho. [...]

Ramil, Kledir. Tipo assim. Porto Alegre: RBS publicações.

Publicações, 2003. p. 75-76. (Fragmento). by Kledir Ramil.

Interpretação do texto:

16. Em seu texto, Kledir Ramil “brinca” com os chamados dialetos ou variedades regionais. Em que tipo de fato linguístico ele se baseia para representar cada uma das variedades?

17. Releia:

“A caracterização de uma variante regional por meio de clichês e exageros costuma vir associada a um tipo de preconceito linguístico que custamos a reconhecer”. **Com base nesta afirmação, você consideraria preconceituosa a caracterização que o autor faz dos falantes carioca, paulista, mineiro e nordestino? Por quê?**

18. O que, segundo o texto, caracterizaria o falar mineiro? Explique.

TEXTOS I e II PARA AS QUESTÕES 19 e 20.

TEXTO I

Descuidar do lixo é sujeira

Diariamente, duas horas antes da chegada do caminhão da prefeitura, a gerência de uma das filiais do McDonald's deposita na calçada dezenas de sacos plásticos recheados de papelão, isopor, restos de sanduíches. Isso acaba propiciando um lamentável banquete de mendigos. Dezenas deles vão ali revirar o material e acabam deixando os restos espalhados pelo calçadão.

(Veja São Paulo, 23-29/12/92)

TEXTO II O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.

(Manuel Bandeira. Em Seleta em prosa e verso. Rio de Janeiro: J. Olympio/MEC, 1971, p.145)

19. Qual o assunto em comum tratado nos dois textos?

20. No texto II, há uma palavra usada no sentido conotativo. Que palavra é esta?